

## As coisas são o único sentido íntimo das coisas- metáfora e antropomorfização em Alberto Caeiro e Friedrich Nietzsche

Bárbara Almeida Porto<sup>1</sup> (UFRN)

### Resumo:

*A filosofia de Friedrich Nietzsche representa uma ruptura com o pensamento racionalista e a linguagem conceitual usada para exprimi-lo. Para Nietzsche toda palavra é uma metáfora, na medida em que não há continuidade entre os objetos e as palavras que os designam, e ao tentar explicar o mundo por meio de conceitos, o homem acaba igualando aquilo que é diferente e, assim, produzindo ilusões de conhecimento. Esta visão encontra paralelo na poesia de Alberto Caeiro. O poeta propunha um olhar para a natureza que não buscasse nela uma essência ou sentido íntimo, e que não lhe atribuisse qualidades que ela não possui. Este trabalho visa fazer uma leitura de alguns poemas de Caeiro, à luz do pensamento de Nietzsche, investigando como ambos assinalam a antropomorfização imposta à natureza através da linguagem.*

**Palavras-chave:** Caeiro, Nietzsche, metáfora, verdade, linguagem

### Introdução

Desde os primórdios da filosofia, quando buscou abandonar o mito e usar a razão na tentativa de compreender a realidade que a ele se apresentava, o homem se pergunta sobre o papel da linguagem neste processo de conhecimento do mundo. A maioria dos filósofos gregos descreveram-na como um sistema de representação, lugar de mimese. As palavras designavam as coisas que existiam no mundo. Depois de Platão, acreditava-se que uma palavra seria a representação de algo que existe no mundo sensível, objetivo, que por sua vez, seria uma cópia de uma ideia existente em um plano intangível ao qual não temos acesso direto. A linguagem e o mundo que ela representa, as palavras e as coisas, teriam portanto uma relação de identidade indireta porém estável, e os seres humanos só compreenderiam o mundo e chegariam à verdade por intermédio da razão e da linguagem (PESSANHA, 1986. p.59). O papel da linguagem seria representar conceitos e ideias, e ao homem caberia apreender os conceitos para poder aplicá-los à realidade. No século V a.C. sofistas como Górgias e Protágoras, mestres da retórica, chegaram a questionar esta suposta vocação representativa da linguagem, dando ênfase à sua função persuasiva e criativa. No entanto, depois de Platão, estes filósofos foram rejeitados pela tradição como charlatães e o termo “sofista” assumiu inclusive uma conotação negativa. No século XVII, René Descartes, pai do racionalismo e precursor do idealismo, que via no pensamento a única fonte confiável se conhecimento, afirmava que a razão era “o poder de bem julgar e distinguir o que é verdadeiro do falso.” (DESCARTES, 1637, apud JAPIASSÚ, 1986, p. 104)

Somente no século XIX, vozes que questionavam o suposto conhecimento do homem acerca da realidade objetiva, da existência de uma essência imutável das coisas, e, por conseguinte, a capacidade da linguagem de existir como um sistema de representação satisfatório deste mundo, começaram a ser ouvidas.

Uma das primeiras e mais contundentes críticas ao emprego tradicional da razão e ao objetivismo da linguagem veio de Nietzsche. No ensaio intitulado *Verdade e mentira no sentido*

*extramoral*<sup>1</sup>, o filósofo criticou de forma radical a metafísica e o conhecimento intelectual que para ele seria altamente antropomorfizado, e sugeriu uma revisão da história do pensamento para que o homem pudesse perceber a ilusão do conhecimento e libertar-se das restrições da razão. Nietzsche descreve a pretensão do conhecimento intelectual como uma “névoa que cega o olhar e os sentidos dos homens” (2001b, p.8).

No campo da poesia, já no século XX, uma voz que mostrava afinidades com o pensamento antimetafísico de Nietzsche foi a de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. A poesia de Caeiro expressava uma busca pela experiência direta com a natureza, sem o intermédio da razão, dos sentimentos ou mesmo da linguagem. Caeiro almejava “encostar as palavras à ideia/ E não precisar de um corredor/ Do pensamento para as palavras.” (PESSOA, 2005, p.72). Para ele, retomando a metáfora da cegueira de Nietzsche, “pensar é estar doente dos olhos” (PESSOA, 2006, p. 39).

### **Nietzsche e a crítica à linguagem conceitual**

Para Nietzsche o suposto conhecimento acumulado pelos homens, principalmente aquele obtido através da razão, não é verdadeiro ou factual, mas inventado, fictício. É resultado da fragilidade do homem frente ao caos da natureza e de sua necessidade de sobrevivência e convivência com outros homens. Na tentativa de imprimir ordem ao mundo caótico onde se sente perdido, o homem inventa não só Deus, mas a linguagem e os conceitos. Nietzsche desconstrói a ideia de que o intelecto é que daria ao homem um lugar privilegiado entre os demais seres, argumentando que este mesmo intelecto seria somente um “meio de conservação dos indivíduos mais fracos e menos robustos...” (NIETZSCHE, 2001b, p.8) que não dispõem de outros meios para lutar por sua existência. Assim, o homem “desenvolve o essencial de suas forças na dissimulação” (NIETZSCHE, 2001b, p.9), criando conceitos que aplica ao mundo para tentar compreendê-lo. Para poder operar num mundo extremamente e essencialmente variado e incoerente, abandona o que há de particular e único em diferentes objetos e busca o que seria sua “essência”, o denominador comum entre este objeto e seus semelhantes. Em outras palavras, o homem iguala coisas que diferentes dentro de um mesmo conceito:

Assim como é evidente que uma folha não é nunca completamente idêntica à outra, é também bastante evidente que o conceito de folha foi formado a partir do abandono arbitrário destas características particulares e do esquecimento daquilo que diferencia um objeto do outro. O conceito faz nascer a ideia de que haveria, na natureza, independentemente das folhas particulares, algo como a “folha”, algo como uma forma primordial, segundo a qual todas as folhas teriam sido tecidas. (2001b, p.12).

A invenção de conceitos busca enquadrar os objetos do mundo dentro de categorias, definindo o que cada um deles é e não é. Surge, então, o verdadeiro, e com ele, o falso:

Aquilo que [...] deve ser verdade é então fixado, quer dizer, é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem vai agora fornecer também as primeiras leis da verdade, pois nesta ocasião, e pela primeira vez, aparece uma oposição entre verdade e mentira. (NIETZSCHE, 2001b, p.17).

Ou seja, os conceitos foram inventados e propagados de uma forma que leva os homens a esquecer que estão lidando com convenções, e não com fatos. Isto pode até ficar mais claro quando

---

<sup>1</sup> Este texto de Nietzsche aparece, em algumas outras publicações, traduzido como “Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral”, ou “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”. Para o presente trabalho, utilizei a tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, publicada na revista *Comum*, da Faculdade Helio Alonso, Rio de Janeiro, em 2001.

falamos de abstrações como “bom” ou “belo”, hoje em dia aceitos como convenções, mas Nietzsche considera que mesmo termos como “folha”, ou “animal”, são metáforas. A metáfora, para Nietzsche seria uma denominação arbitrária, que não possui uma relação de identidade ou continuidade com a coisa que denomina. Logo, todas as palavras são essencialmente metáforas, visto que nenhuma possui relação direta com os objetos que ela denomina, e a língua seria em grande parte um conjunto de metáforas consolidadas, legitimadas, cristalizadas.

## O poder da linguagem e a criação do sujeito

Se o homem criou ilusões de verdade acerca do mundo, também cria a ilusão do sujeito uno: aquele portador de uma identidade fixa, de uma essência que lhe serve de base. A linguagem que forja conceitos também “cria” o sujeito e não há limites para essa criação. Subjetividades podem ser criadas, recriadas, destruídas e mesmo multiplicadas. Em outras palavras, se o sujeito não é a base do ser, mas sim uma construção, ele não precisa ser único (já que não reflete uma essência una) nem coerente (já que não reflete uma essência imutável.)

É impossível para um leitor contemporâneo de língua portuguesa falar na criação de subjetividades, do sujeito como invenção, e no papel da linguagem nessa invenção sem pensar em Fernando Pessoa. O poeta português, ao criar diversos heterônimos jogou com a infinita possibilidade criadora da linguagem. Além disso, em sua obra ortônima, Pessoa tratava frequentemente de sua necessidade de multiplicar-se; da impossibilidade de, enquanto poeta, ser um só. Em um poema datado de 1932, Pessoa sintetiza sua visão:

Eu sou uma antologia.  
‘Screvo tão diversamente  
Que, pouca ou muita a valia  
Dos poemas, ninguém diria  
Que o poeta é um somente.

Assim deve ser – qualquer,  
Enfim, porque já o seja –  
Pode ser um, porque o é.  
O poeta deve ser  
Mais do que um, para poder.

Depois para si o poeta  
Deve ser poeta também.  
Se não tem a completa  
Diversidade  
Não é poeta, é só alguém...

Eu, graças a Deus, não tenho  
Nenhuma individualidade.  
Sou como o mundo.  
(2009, p. 137).

O poeta, para sê-lo, precisa ser mais que um. Precisa multiplicar-se. Deve ser, lembrando o poema “Autopsicografia”, do mesmo autor, um “fingidor”. O poeta é aquele que se não só toma conhecimento de sua multiplicidade, mas ativamente multiplica-se, que experimenta possibilidades, que explora limites e brinca com significados. Ao contrário dos **alguéns**, cria suas identidades em constante devir, o que vai além do simples e definitivo “ser”. Ele impõe-se ao mundo.

A dissimulação denunciada por Nietzsche toma aqui outro sentido: a libertação do homem das amarras do pensamento racional e da linguagem conceitual. A linguagem, artifício normalmente

usado para propagar os conceitos, as supostas verdades e mentiras, pode ser usada para justamente subverter esse sistema. O homem toma conhecimento do potencial criativo da linguagem e em vez de simplesmente reproduzir o que já foi dito e pensado, cria, inventa, inclusive a si mesmo.

Isto parece ser, para Nietzsche, a arte: o lugar de redenção da mentira. Onde a dissimulação deixa de atuar contra o homem e passa a atuar em favor dele, possibilitando que ele se expanda, se engrandeça, ao invés de se apequenar. A arte liberta da escravidão dos conceitos e é descrita pelo filósofo em *Crepúsculo dos Ídolos* como “o grande estimulante da vida” (2001, p.70).

## **O poeta-filósofo e o filósofo-poeta**

A noção de verdade como fabricação e a conseqüente negação da unidade do sujeito permearam não só a obra ortônima de Fernando Pessoa, mas também a de alguns de seus heterônimos. O heterônimo mais crítico em relação à linguagem foi Alberto Caeiro, criatura mais distante do pensamento de seu criador. Numa conhecida carta ao editor Casais Monteiro, na qual relata a gênese dos heterônimos, Pessoa declara ter investido em Alberto Caeiro “todo [s]eu poder de despersonalização dramática” (2006, p. 178), criando um personagem totalmente diferente de si próprio, mas que declarava ser seu mestre.

Fernando Pessoa inventou Alberto Caeiro em 1914, mas o personagem/heterônimo Caeiro nasceu em Lisboa, em 1889. Passou a maior parte de sua curta vida, 26 anos, no campo. Homem simples, nunca recebeu instrução formal e escrevia de forma descomplicada, ou, segundo Pessoa, na carta mencionada acima, “em mau português” (2006, p. 184). Como Nietzsche, Caeiro via a filosofia com ceticismo, afirmando que “Os filósofos são homens doidos”, (2005, p. 53), e não entendia como se buscava conhecer a fundo a natureza, decifrar seus mistérios, quando a natureza não se presta a ser entendida, apenas sentida.

Porém, por mais que criticasse a filosofia e os filósofos, Caeiro acabou sendo um poeta-filósofo, na medida em que sua poesia espelha sua visão de mundo, seu pensamento. Sua poesia não é anti-filosófica, como ele a pretendia, mas sim anti-metafísica, anti-conceitual e anti-racionalista. Nietzsche, por outro lado, era um filósofo-poeta, que diferente da maioria de seus contemporâneos, recorria ao colorido das metáforas e alegorias para conduzir seu pensamento. Esta opção pelo não-conceitual faz sentido em um pensador que critica justamente o conhecimento intelectual e a linguagem científica. De fato, nem Caeiro era um poeta convencional, nem Nietzsche o típico filósofo do século XIX.

## **O Argonauta das sensações verdadeiras**

Alberto Caeiro foi, segundo ele mesmo, o “Descobridor da Natureza”, o “argonauta das sensações verdadeiras” (PESSOA, 2005, p.73). Sua ambição maior era experimentar a natureza através das sensações, sem o intermédio da razão ou mesmo de sentimentos, e expressá-las da forma mais direta possível, livre de antropomorfismo: “E assim escrevo, querendo sentir a natureza, nem sequer como um homem, / Mas como quem sente a natureza e mais nada.” (PESSOA, 2005, p.72).

Em sua poesia Caeiro não só mostrava seu modo simples e direto de ver o mundo como negava a visão oposta à sua, a que afirmava que havia um sentido oculto nas coisas, uma essência à qual o homem chegaria através da razão. Para Caeiro, o que nos chega através dos sentidos são as coisas em si:

O que nós vemos das cousas são as cousas  
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?  
Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos  
Se ver e ouvir são ver e ouvir?  
(PESSOA, 2005, p. 49).

Mas ainda que uma experiência direta do mundo, sem representação, fosse possível, ela seria, como escreveu Nietzsche, uma “vivência primitiva, completamente individualizada e única” (2001, p.14). Para compartilhá-la o poeta precisa do artifício da linguagem. O que pode parecer uma incongruência- recorrer a um artifício como a linguagem para falar de uma busca pela experiência não mediada da natureza- é na verdade uma necessidade. Escreveu Caeiro:

Se às vezes falo [da Natureza] como um ente  
É que para falar dela preciso usar a linguagem dos homens  
Que dá personalidade às cousas,  
E impõe nome às cousas.  
(PESSOA, 2005, p.52).

Aqui novamente Nietzsche e Caeiro se encontram. O problema para Caeiro, é que a linguagem dos homens reveste as coisas de atributos humanos que elas não têm. Ao dar personalidade à natureza o que o homem faz é falar de si próprio. Nietzsche, antes de Caeiro, já criticava o conhecimento científico/racional, (e, portanto a linguagem que se propunha a espelhá-lo), apontando para seu antropomorfismo.

Mesmo Alberto Caeiro, auto-intitulado “único poeta da natureza” acaba atribuindo a essa natureza significados artificiais. Isso causa ao poeta grande incômodo, mas ele se perdoa e se justifica:

Se às vezes digo que as flores sorriem  
E se eu disser que os rios cantam,  
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores  
E cantos no correr dos rios...

É porque assim faço mais sentir aos homens falsos  
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes  
À sua estupidez de sentidos...  
Não concordo comigo, mas absolvo-me,

Porque não me aceito a sério,  
Porque só sou essa cousa odiosa, um intérprete da Natureza,  
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,  
Por ela não ser linguagem nenhuma.  
(PESSOA, 2005, p. 56)

Para libertar o homem, Nietzsche propõe uma revisão da história do conhecimento para percebermos nele suas limitações (é ilusório e antropomorfizado) e suas razões de ser (necessidade de sobrevivência). Como Nietzsche, Caeiro também propõe um questionamento do conhecimento adquirido; mais ainda, um desaprender, um retorno a uma simplicidade perdida, um estado quase selvagem:

Procuro despir-me do que aprendi,  
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,  
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,  
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,  
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,  
Mas um animal humano que a Natureza produziu.  
(PESSOA, 2005, p.72)

## O homem intuitivo

No fim deste desaprender, que marca a última parte da série de poemas *O Guardador de Rebanhos*, Caeiro chega à conclusão de que o que existe no mundo são as coisas, as “partes”, mas não um “todo”, uma realidade transcendental. Esse todo, o transcendente, bem como o “interno”, o metafísico, seriam forjados na linguagem, no pensamento racional e no subjetivismo. Nietzsche já havia chamado atenção para esse problema, a “identidade do não-idêntico” (2001b, p.12), o agrupamento, em uma mesma categoria, de coisas diferentes, ignorando suas características particulares e levando em consideração somente o que têm em comum.

Sem procurar a verdade, buscando apenas uma comunhão com a natureza, Caeiro acaba intuitivamente encontrando o que acredita que a natureza **não** seja:

Vi que não há Natureza,  
Que Natureza não existe,  
Que há montes, vales, planícies,  
Que há árvores, flores, ervas,  
Que há rios e pedras,  
Mas que não há um todo a que isso pertença,  
Que um conjunto real e verdadeiro  
É uma doença das nossas idéias.

A Natureza é partes sem um todo.  
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,  
Acertei que devia ser a verdade  
Que todos andam a achar e que não acham,  
E que só eu, porque a não fui achar, achei.  
(PESSOA, 2005, p. 74)

E Nietzsche, em prosa, descreve a descoberta intuitiva de Caeiro: “O homem intuitivo, estabelecido no seio de uma civilização, retira, como fruto de suas intuições, além da proteção contra a infelicidade, uma clarificação, um desabrochar e uma redenção transbordantes”. (2001b, p. 21)

No fim, o eu, o tu, o ele, o mundo, somos todos ficção. Estamos todos em constante devir, em processo de construção, desconstrução e reconstrução de nós mesmos. Nem nossa identidade nem o conhecimento que temos do mundo é imutável ou inquestionável. Pelo contrário, ambos são instáveis e inconclusos, abertos a questionamento. E isto, esta falta de sentido a priori que tanto amedronta o homem racional, que o faz buscar abrigo na ciência como um animal desprotegido, é motivo de júbilo para homem intuitivo. Como o camponês Caeiro, o homem intuitivo alegra-se com sua condição e repete: “Bendito seja eu por tudo quanto não sei”. (PESSOA, 2005, p.52)

## **Referências Bibliográficas**

JAPIASSÚ, H. O racionalismo cartesiano. In: REZENDE, A. (Org.). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 101-116.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Hemus, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Verdade e mentira no sentido extramoral*. In: *Comum* v. 6, n. 17. Rio de Janeiro: FACHA, 2001b.

PESSANHA, J.A.M. Platão e as ideias. In: REZENDE, A. (Org.). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

PESSOA, Fernando. *Poesia 1931-1935 e não datada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa de Alberto Caetano*. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Quando fui outro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

---

**i Bárbara ALMEIDA PORTO, Mestranda**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
barbaraporto@gmail.com